Doce Melodia
Felicia Mason

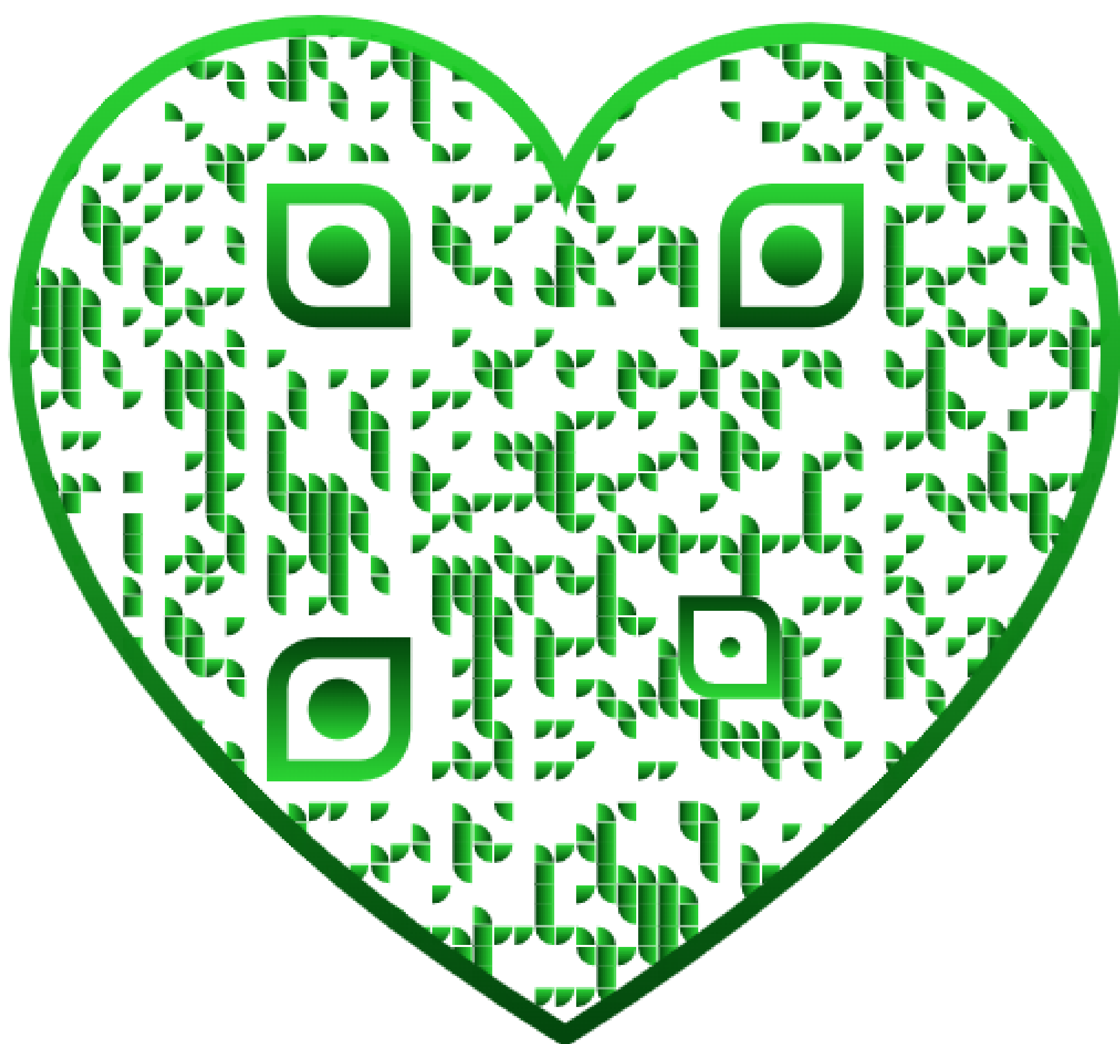
Capítulo Um

O tempo estava acabando para Jodie Gallagher. Faltava menos de uma semana para o baile de premiação dos funcionários e ela ainda não havia arrumado ninguém para acompanhá-la. Bradshaw International Ltda. podia ser uma das empresas mais proeminentes da região, sempre conduzindo experimentos e utilizando tecnologia de última geração, mas sua liderança sempre fora sólida e tradicional. O fundador acreditava piamente nos valores familiares. De acordo com seu modo de pensar, isso significava que cada membro da equipe gerencial deveria ter uma família: uma esposa devotada, um filho, dois ou três e um *cocker spaniel*, ou um labrador, para sair bem na foto dos cartões de Natal.

O velho Bradshaw sempre dissera que havia bastante lugar no topo para funcionários talentosos. O único problema era que o caminho até o topo da montanha particular consistia basicamente em ruas de mão única, e não havia placas indicando retornos.

Em algum momento do futuro, Jodie pensava em ter um marido e uma família. E não apenas porque isso seria bom para sua carreira. Tinha muito amor no coração para compartilhar, mas esse amor precisava ser posto de lado enquanto ela se concentrava na própria carreira. Aparentemente, como ainda não colocara o sujeito perfeito em seu caminho, Deus parecia ter um plano semelhante para ela.

Certa vez, Jodie fizera uma lista. Seu companheiro perfeito não poderia ter mais de 1,88m, nem menos de 1,82m de altura. Deveria ter cabelos louros e olhos azuis. Sempre usaria camisetas por baixo da camisa social, e abotoaduras. Dirigiria um determinado modelo de carro, teria renda suficiente para sustentar uma família de até cinco pessoas — caso ela decidisse parar de trabalhar após o nascimento dos filhos. Teria de ter senso de humor, rir um bocado e sempre surpreendê-la com pequenos agrados para manter viva a chama do romance no relacionamento deles. Como um casal, seriam membros ativos da



Igreja, participariam de trabalhos voluntários na comunidade e, é claro, viveriam felizes para sempre. Era antiquado e maravilhoso... e, aparentemente, impossível.

Sentada diante da mesa, Jodie suspirou. Já fazia um bocado de tempo que estava à procura do homem de seus sonhos, e seu relógio biológico não era a única coisa que a estava incomodando. No próximo aniversário, completaria 28 anos de idade. Por mais que relutasse em admitir, a verdade era que jamais se permitira muito tempo para namorar. O trabalho era sua companhia constante.

Uma rotina que, tinha de reconhecer, estava se tornando cansativa.

— Gallagher, você vem ou não para a reunião?

Despertando de seus devaneios, Jodie pegou suas anotações. A voz irritada pertencia ao seu chefe, Ethan Lamb.

— Estou indo — disse. — Ethan, eu realmente não acho que...

Ele a interrompeu.

— Já conversamos sobre isso, Gallagher. Deixe que eu falo.

Jodie franziu a testa. Era exatamente este tipo de condescendência que a fazia achar que estava na hora de dar um fim à sua estada na Bradshaw International. Sempre quisera algo mais. Pensara poder encontrar o que procurava ali. Outrora, Ethan havia sido o mentor perfeito, mostrando-lhe toda a operação e a ajudando o tempo todo. Mas, recentemente, vinha demonstrando um mau humor constante. Ela suspeitava que algo havia acontecido nos últimos seis meses a ele, que com certeza mudara... para pior. Não estava de todo segura quanto à apresentação que Ethan estava prestes a fazer naquela reunião. As conclusões não eram bem fundamentadas. E, além de sua atitude condescendente, ele ignorara por completo as objeções e preocupações de Jodie.

Se a empresa fosse dela, teria conduzido tudo de modo diferente.

Tendo decidido começar a distribuir o currículo antes do fim da semana, Jodie tomou seu lugar na sala da diretoria da Bradshaw International. Todos os vice-presidentes estavam sentados ao redor da enorme mesa oval, enquanto os executivos menos graduados ocupavam as cadeiras que circundavam o que Jodie chamava à “Mesa dos Adultos.” Ela queria se sentar na “Mesa dos Adultos”.

Ela tinha interesse naquela empresa, um interesse que vinha desde o instante em que aceitara a posição de assistente de marketing. Ambiciosa e capaz de aprender rápido, logo foi promovida. Três promoções mais tarde, atingiu um obstáculo — que pouco tinha

a ver com o fato de ser mulher, mas muito com o de não ser casada. Nada foi dito explicitamente, mas o recado foi bem claro.

Jodie reprimiu um suspiro.

Antes de conseguir um marido, precisava de um acompanhante.

Segundos mais tarde, Mark Bradshaw entrou na sala. O estômago de Jodie deu aquela estranha reviravolta que ela sempre sentia quando o via.

C. B. Bradshaw, conhecido por todos simplesmente como O Velho, podia ser o presidente da companhia, mas as rédeas da parte operacional estavam por completo nas mãos do seu belíssimo neto. Alto, de aparência ligeiramente jovial, como se houvesse acabado de chegar de Monte Carlo, do Rio de Janeiro ou do Sul da França, Mark Bradshaw chamava a atenção onde passasse. Incluindo a sala da diretoria da própria empresa. O cabelo louro sempre parecia estar um pouco comprido demais, mas, sem dúvida alguma, ele era o solteirão mais cobiçado num raio de 150 quilômetros de Portland, Oregon.

Com pouco mais de 30 anos de idade, Mark era tudo que Jodie desejava em um homem — embora, com 1,92m de altura, fosse alto demais para o gosto dela, e demasiadamente rico. Esqueça a tal história de que ninguém nunca é rico demais, nem magro demais. Só pensar na quantidade de zeros da fortuna da família Bradshaw, já deixava Jodie tonta.

Jodie queria conforto, mas não ônus. E com 1,67m, com salto, ela não queria ter que se esticar toda para olhar para seu homem.

Mas, no caso de Mark Bradshaw, poderia fazer uma exceção, em ambos os itens.

Jodie e todos os presentes observaram o jovem Bradshaw assumir o comando da reunião.

— Que homem — sussurrou a amiga Nikki, inclinando-se na direção de Jodie.

Jodie concordou com um gesto de cabeça, mas manteve uma expressão neutra no rosto. Puxa, mas ele correspondia exatamente à imagem do homem ideal. Pena que Mark Bradshaw nem soubesse que ela existia.

* * *

Todas as conversas foram interrompidas no instante em que ele entrou na sala da diretoria. Mark Bradshaw escutou os sussurros às suas costas. Eles nunca o incomodaram.

Pelo menos, não até agora — quando a notou fazendo o mesmo. Por um instante, teve dúvidas quanto à lealdade dela. Já havia feito uma avaliação de todos os membros-chaves da empresa. Será que deixara de fora algo importante em relação a ela? Mais importante do que isso — será que o comunicado que pretendia fazer ainda naquele dia era a coisa certa para se fazer, na hora certa?

Determinado a seguir com os planos, Mark cerrou os dentes. Tarde demais, lembrou-se que estava tentando não fazer mais isso.

— Bom dia — cumprimentou, com um tom de voz tão seco quanto seu estado de humor.

Ele caminhou até a poltrona da cabeceira, um lugar que sempre achou incômodo. Mas, com a incessante teimosia do avô, não havia outro modo. Alguém tinha de tocar o negócio.

— Vamos logo dar... — Ele quase disse: "Vamos logo dar um fim nisso", mas se conteve no último instante — ... início aos assuntos em pauta.

Fez um sinal para que o vice-presidente de produção começasse sua apresentação.

A reunião se arrastou por quase uma hora. Pensando que estava à beira de desmaiar de tanto tédio, Mark virou a poltrona ligeiramente, para poder ver melhor Jodie Gallagher. A única coisa que prendia sua atenção era ela. Quando o vice-presidente de marketing se levantou para dar destaque a uma série de tabelas na apresentação multimídia, a moça olhou para ele. Mark sorriu para ela. Em vez de sorrir de volta — como a maioria das mulheres teria feito —, os olhos de Jodie se arregalaram e piscaram várias vezes, antes de voltarem a fitar Ethan Lamb.

Mark suspirou, desapontado.

Voltou novamente sua atenção para o relatório que estava sendo apresentado. Contudo, quanto mais escutava, mais franzia a testa. Olhou para Jodie Gallagher, que estava sentada na pontinha da cadeira, mordendo o lábio inferior, fitando a tampa de uma caneta.

Com um olhar zangado, mais uma vez se concentrou na tela que descia do teto exatamente para esse tipo de reunião. Não desejava as responsabilidades de presidente-

executivo, mas sabia muito bem como lidar com elas, e era plenamente capaz de perceber quando alguém estava tentando lhe passar a perna.

— Tenho uma pergunta.

Todos os olhos se voltaram para Mark. Ele notou que algumas pessoas se comportavam como se ele houvesse interrompido o cochilo delas. Não era surpresa nenhuma que o crescimento da Bradshaw International havia estagnado. Assim como ele, as pessoas que deveriam estar empolgadas com o que faziam estavam entediadas.

Mark suspeitava que muitos, senão a maioria, dos funcionários sentados ao redor da mesa oval estavam ali apenas para receber o contracheques e os benefícios funcionais, aguardando a aposentadoria ou uma oferta melhor, de algum concorrente.

O vice-presidente de marketing, desacostumado a ser interrompido, gaguejou, se perdeu na explicação, tossiu e depois piscou.

— Pois não, senhor?

— Gostaria de saber o que a srta. Gallagher acha.

Os olhos de Jodie se arregalaram. Deixando a caneta cair, ela apertou a pasta larga de encontro ao peito.

— Como disse?

De sua posição na mesa oval, Ethan a fitou, furioso. Como todo mundo sabia, nessas reuniões mensais, assistente era para ser visto, não escutado. Assim era a cultura de negócios da empresa.

Mark se levantou, apanhou a caneta tinteiro do chão e à entregou a moça. Por um instante, suas mãos se tocaram. Ele escutou a súbita inspirada de ar que ela tentou disfarçar.

— Quero tentar algo diferente hoje.

— Mas eu ainda não acabei — disse Ethan.

O olhar de repreensão que Mark lançou chegava a quase dizer: “Se não se sentar, vai estar mesmo acabado.”

Ethan se sentou.

Os presentes trocaram olhares nervosos.

— Quero que todos os vice-presidentes se sentem no círculo externo e os assistentes bem aqui — disse Mark, voltando à sua poltrona e espalmando a mão no tampo

da mesa para dar ênfase às suas palavras. — Rápido, pessoal, já perdemos tempo demais aqui.

— Mas, Mark... Sr. Bradshaw...

Mark ergueu a mão.

— Você também, Stanley — disse para o chefe da divisão de vendas, que já estava na empresa há mais tempo do que Mark estava vivo. — Tempo é dinheiro, pessoal. Mexam-se.

Lançando olhares inseguros para todos os lados, os nove assistentes, um para cada vice-presidente, trocaram de lugar com os respectivos chefes.

Depois que todos estavam acomodados, Mark sorriu, e recostou-se em sua poltrona.

— Agora, Srta. Gallagher, está conosco há quanto tempo? Dois anos?

Ela assentiu.

— Sim, senhor.

— E escutou todos os relatórios, não é verdade? Sabe como nos saímos no mercado?

— S-sei.

Estava claro que Jodie não fazia a mínima idéia de onde ele queria chegar, e Mark não via nisso um problema. Queria ver como ela se portava sob pressão.

— Então me diga, Jodie — insistiu.

Ela ergueu a sobrancelha diante do uso de seu primeiro nome. A sala da diretoria costumava ser um ambiente extremamente formal. Mais um dos problemas da empresa.

— O que quer que eu diga, Sr. Bradshaw?

Ele apontou para a tela, que ainda exibia a última imagem da apresentação de Ethan.

— Por que não me mostra todos os erros no relatório de seu chefe?

Capítulo Dois

Subitamente, a perspectiva de não ter quem a acompanhasse ao evento de gala não parecia tão terrível para Jodie. Ela não iria precisar de um acompanhante porque, se respondesse com sinceridade à pergunta de Mark, a respeito do relatório de seu supervisor, não teria mais um emprego. Ethan, o chefe em questão, a despediria ali mesmo. Caso mentisse, sua consciência não a deixaria em paz.

Jodie abriu a boca. Fechou-a. Abriu-a novamente, depois olhou para o bloco de anotações.

— O relatório foi preparado com os melhores valores que se encontravam disponíveis para o nosso departamento.

Não só é bonita, pensou Mark, também é diplomática. Achava isso admirável em uma mulher.

Ele se endireitou, cruzou os braços sobre o peito e enfrentou o olhar de cada um dos vice-presidentes, agora se mexendo desconfortavelmente em suas cadeiras.

— Pessoal — disse. — Faz quase um ano que estou à frente da Bradshaw International. Passei esse tempo todo assinalando nossos pontos positivos e negativos. A conclusão a que cheguei não foi muito reconfortante, visto que achei muitos pontos negativos e quase nenhum positivo.

Jodie percebeu que teria de preparar seu currículo muito antes do que pensava. Se tivesse uma empresa, não a administraria do mesmo modo que Mark Bradshaw estava fazendo com a dele — como um ditador.

* * *

Chegando aonde queria, Mark começou a andar de um lado para o outro na área atrás de sua poltrona, parando de vez em quando para fitar os olhares constantes e preocupados dos funcionários. Alguns dos assistentes sentados ao redor da mesa pareciam intrigados, enquanto outros, como os chefes, estampavam no rosto aquela expressão de pânico de um cervo iluminado pelos faróis de um carro em movimento, o que, a longo prazo, não parecia ser um bom presságio.

Já Jodie Gallagher aparentava estar calma e segura. Seu cabelo escuro brilhava e seu olhar seguia Mark quando ele se movia.

— Quando meu avô fundou esta empresa, ele o fez com uma visão, um plano que estava adiante do seu próprio tempo — disse Mark. — Muitos o chamaram de louco. Ninguém, nem mesmo os dois relutantes investidores que ele conseguiu como suporte financeiro, acreditava que ele poderia ser bem-sucedido no que queria fazer.

Ele caminhou até a enorme janela e olhou para o pátio. Em pleno fevereiro, frio como era o mês, não havia muitas flores lá embaixo. Mas, em alguns meses, uma fonte jorrando água avivaria as cores que cercavam as estátuas do jardim.

— Hoje é um novo dia — Mark disse, tanto para si mesmo quanto para as pessoas no recinto. Olhando para os diretores, deixou escapar algo que há muito estava no seu coração. — A partir de agora, o jogo é outro.

— E que jogo exatamente é esse? — arriscou perguntar um dos vice-presidentes.

As palavras estavam na ponta da língua. Ele queria despedir cada um deles. Suas idéias ultrapassadas e abordagens antiquadas já quase haviam levado a empresa à falência. Mark sabia que o futuro repousava em uma equipe administrativa disposta a ultrapassar todos os limites. Nada tinha a ver com idade, mas sim com visão.

Stanley Grace, que já fazia parte da Bradshaw International há quase quatro décadas, era um exemplo clássico. Stanley possuía uma das mentes mais aguçadas e criativas da indústria. Ele manteve seu departamento em destaque, regularmente obtendo resultados positivos, apesar dos departamentos como o de Ethan Lamb. O que alguém como Stanley poderia fazer com o devido apoio de todos?

Estava na hora de ver quem estava à altura de um novo desafio.

— Uma nova maneira de fazer negócios. — Mark abriu sua pasta e pegou uma pilha de papéis grampeados. Pensara muito a respeito daquilo. — Criei seis equipes. Cada equipe tem duas semanas para inventar uma nova abordagem no sentido de não apenas aumentar nossa parcela no mercado, mas também mudar a forma como fazemos negócios.

— Isso é altamente irregular — disse Ethan. — Meu departamento tem sido...

— A partir de hoje, todas as seções e departamentos vão ser revistos. Vou reorganizar a empresa. E quero nomear para minha assistente pessoal nesta empreitada Jodie Gallagher.

* * *

Jodie ficou de queixo caído.

Nikki a cutucou e disse:

— Mandou bem, menina.

Com duas bombas jogadas no seu colo em menos de 30 minutos, Jodie já não tinha certeza se fora uma boa idéia sair da cama naquela manhã. Em questão de minutos ela oscilara entre correr o risco de perder o emprego e receber a oferta do emprego de seus sonhos.

Em termos.

Trabalhar com o presidente da Bradshaw International era o tipo de impulso na carreira com que os executivos menos graduados sonhavam. A melhor parte de ser o braço direito de Ethan era poder ver Mark Bradshaw nessas reuniões. Ela alimentava algumas idéias de como melhorar a Bradshaw International, algumas das quais até expusera a Ethan — sem sucesso.

Trabalhar com Mark Bradshaw caía no departamento de “Péssimas Idéias”. No departamento de “Péssimas Idéias Mesmo”. Como poderia trabalhar para um homem por quem era gamada desde o primeiro instante em que o vira?

Queria subir na empresa. Mas, assim? Ela praticamente desmoronava só de olhar para Mark. Como poderia fazer um bom trabalho trabalhando para ele? Era melhor ficar onde estava.

Mark a fitou nos olhos, depois piscou, quando começou a distribuir as folhas com as novas atribuições.

— O que quer dizer com: mudar a forma como fazemos negócios? — alguém perguntou.

— Exatamente isso — Mark respondeu, quando os funcionários começaram a ler os memorandos.

Exclamações de surpresa foram ouvidas quando perceberam os grupos que seriam formados.

Jodie recebeu uma das folhas de Nikki e tentou ver sentido no que lia. Sua cabeça ainda estava girando devido ao comunicado de Mark.

— Respire, menina — sussurrou Nikki.

Jodie fitou a amiga, assentiu e respirou fundo.

As palavras no papel começaram a entrar em foco, e a moça percebeu porque elas estavam causando tanta comoção. Ele, deliberadamente, misturara pensadores conservadores com vanguardistas, combinara rivais entre si, só para ver que tipo de opções criativas eles poderiam apresentar.

O burburinho, em grande parte oriundo do círculo externo, começou a ficar mais alto.

— Isso é altamente irregular — Jodie escutou alguém dizer.

— Escute bem, pessoal — Mark disse, tirando o paletó. Pelo caimento, o terno parecia ter sido feito sob medida para ele. Mas, de alguma forma, não parecia se adequar à sua personalidade. Ele jogou o paletó na poltrona atrás e enrolou as mangas da camisa. — Nada, e eu realmente quero dizer nada, é intocável. Cada um de vocês tem um fluxograma com a atual estrutura da organização. Modifiquem-na. Façam com que ela se encaixe no século XXI. Tornem-na relevante para os consumidores de hoje em dia.

— Se C. B. ainda estivesse à frente da empresa...

Os frios olhos azuis de Mark se fixaram no detrator.

— Meu avô não está à frente da empresa. Eu estou. Qualquer um que não queira participar dessa proposta é mais que bem-vindo a se desligar da empresa — acrescentou. — Oferecerei um salário de indenização para cada ano de serviço. Isso vale para todo mundo nesta sala. Quem aceitar pode pegar aqui os devidos formulários. Preencha-os e devolva-os à minha mesa até o fim do expediente. Quanto ao resto, nos reuniremos de novo em duas semanas, para analisar os planos elaborados pelos senhores. Na ocasião, compartilharei algumas de minhas próprias idéias. — Ele olhou para a mesa dos assistentes e para o círculo externo, composto, de acordo com as suspeitas de Jodie, em sua maioria de futuros ex-vice-presidentes. — Alguma dúvida?

Ninguém disse uma palavra.

— Ótimo. — Mark sorriu, mas o gesto não foi visto como sendo muito amigável nem sincero. — Muito bem. A reunião está encerrada.

Ao exalar com força o ar dos pulmões, Jodie percebeu que, inconscientemente, estivera prendendo a respiração.

Ele pegou o paletó e a pasta de couro.

— Srta. Gallagher, já teve alguns minutos para considerar minha proposta. Caso queira o novo emprego, venha comigo. Temos trabalho a fazer. Caso contrário, a senhorita foi designada para a equipe número 4.

Jodie engoliu em seco. Fitou o papel com as escalações de cada equipe. Ethan estava na sua equipe. Olhou com incerteza para ele. Será que esta era a resposta para suas preces? Encurralada, de costas para a parede, forçada a tomar numa fração de segundos a decisão que poderia afetar sua carreira.

Deus, diga-me o que fazer.

— Srta. Gallagher?

Naquele exato instante, Jodie percebeu que precisava escolher. Avançar ou recuar. O terreno era incerto em ambas as direções. Pensou que deve ter sido assim que Moisés e os Israelitas se sentiram: com o Mar Vermelho e a morte certa à sua frente, e o exército do Faraó se aproximando por trás.

Sem ter para onde correr, exatamente como aquele povo antigo, Jodie rezou com fervor por auxílio. Contudo, trechos de suas preces anteriores lhe ecoaram pela cabeça. Senhor, preciso de uma mudança no trabalho. Senhor, queria tanto que ele me notasse.

Em casa e na igreja, rezara por uma nova oportunidade para se tornar necessária. E, tinha de admitir, rezara para que Mark Bradshaw a notasse. E, agora que ele o fizera, não tinha mais tanta certeza de que queria esta prece em particular atendida. Pelo menos, não daquela maneira.

No início, Ethan fora bom para ela. Tornara-se seu mentor e lhe ensinara tudo que sabia. No mínimo, lhe devia lealdade. Não podia simplesmente dar as costas ao homem que lhe dera a chance de alcançar o sucesso, algo que muitos poucos fariam para uma pessoa da idade dela.

Na porta, Mark estava aguardando.

— Escolha, Srta. Gallagher.

Ela olhou para Ethan e depois para Mark.

— Sinto muito — disse, com sinceridade, torcendo para que ele compreendesse.

Capítulo Três

O recinto ficou em silêncio. Todos os olhos se voltaram para Jodie, aguardando sua resposta.

Ela sabia que todos pensavam que estava tentando decidir se aceitava ser a assistente especial de Mark Bradshaw. Na verdade, Jodie estava dividida entre a promessa e a providência divina. Sabia o que o Todo-Poderoso havia prometido para sua vida. Apenas não tinha certeza se isto era a forma que ele havia escolhido para cumprir tal promessa. À primeira vista, parecia um desvio de 180 graus. Mas podia sentir que era a coisa certa para ela.

Será que pensava assim devido a seus sentimentos por Mark, ou porque era a coisa certa a se fazer?

Já notara o modo como ele, às vezes, a olhava, quando achava que ela não estava prestando atenção. E que piscadela foi aquela? Será que estava entrando numa nova oportunidade profissional ou se colocando numa posição no trabalho que poderia rapidamente se tornar complicada e dramática.

Só havia uma maneira de descobrir. Embora se sentisse como se estivesse pulando em um precipício, Jodie pegou seu bloco de anotações e uma cópia da escalação das equipes. Afastando-se da mesa oval, ela caminhou na direção de Mark e de um futuro incerto.

— Aceito o emprego.

— Ótimo — Mark disse, com um sorriso, e abriu a porta para ela.

Ao saírem — lado a lado —, o coração de Jodie disparou. Mas ela também se sentiu nas nuvens.

Atrás deles, a sala da diretoria foi tomada de uma cacofonia de vozes.

* * *

— Você está bem? — perguntou Mark, um pouco mais tarde.

— Para falar a verdade, não tenho certeza. Acabo de dar as costas a um chefe que, quase sempre, foi muito bom para mim.

— O que me preocupa é justamente esta parte de “quase sempre”.

Jodie deu as costas à vista do vale. O escritório de Mark ficava no ultimo andar do prédio da Bradshaw International. Embora fosse grande, o prédio não destoava de seus arredores. O escritório também não era o que ela esperava. Em vez de cromados modernos, com ar futurista, as poltronas confortáveis, as abundantes plantas verdes e as telas tanto de músicos quanto de corais de Igreja davam ao aposento a aparência de uma sala familiar decorada com bom gosto.

— Não era esta a imagem que eu fazia de seu escritório.

Ele riu.

— A versão estereotipada fica logo ao lado. Eu a uso para reuniões. Aqui é onde eu trabalho.

— Wayside, no Oregon, é um lugar incomum para a sede de uma empresa como esta.

Mark sorriu.

— É por isso que eu a queria como minha assistente.

Jodie o fitou com curiosidade. Mas quase esqueceu o que ia perguntar e ficou sem fôlego ao olhar para o homem. Ele estava apoiado na mesa, as pernas esticadas e cruzadas, parecendo um modelo no intervalo de uma seção de fotos. Ele a observava atentamente.

— O q-quê?

— Poucas pessoas teriam a coragem de dizer para o novo chefe que acham a sede da empresa uma droga.

Mortificada, Jodie esticou a mão na direção do homem e depois a deixou cair.

— Não foi isso que...

— Eu sei.

Ele continuava a fitá-la. Jodie tentou ver se havia algum fio puxado na meia-calça, se a borda da combinação estava aparecendo, se o cabelo estava desgrenhado. Depois, resignando-se com o fato de que estragara a reunião, perguntou francamente:

— Tem alguma coisa de errado comigo?

— Não — ele disse. — Você está ótima. — Ele pigarreou, endireitou-se e deu as costas para Jodie. — Minha decisão de torná-la minha assistente especial não foi um capricho. Você tem um histórico impressionante na empresa.

Sem saber o que fizera para esfriar a cordialidade na voz do patrão, Jodie assumiu uma postura mais profissional.

— Obrigada, sr. Bradshaw.

Ele ergueu o indicador.

— Mark, por favor. sr. Bradshaw é meu avô.

— Nas reuniões, todo mundo se refere ao senhor como Sr. Bradshaw.

Ele se virou para ela, o sorriso revelando uma ligeira covinha. Jodie percebeu que trabalhar com ele seria um verdadeiro desafio.

— Isso é uma das coisas culturais da empresa que quero mudar. Você tem idéias.

Ela não confundiu a afirmação com uma pergunta.

— Tenho.

Ele a convidou a se sentar em uma das poltronas de couro.

— A empresa já passou por alguma reorganização?

Mark assentiu.

— Só uma vez. Nos anos 70. O Velho estava entediado e resolveu mudar tudo e todos de lugar só para ver o que acontecia.

— É isso que está fazendo agora com o ganha-pão e as carreiras de tantas pessoas? Mudando tudo só para ver o que acontece?

Em vez de morder a isca, ele sorriu e se recostou na poltrona.

— Para falar a verdade, é.

Capítulo Quatro

Mark pensou em revelar a Jodie apenas parte da verdade, mas ele era um homem íntegro e, naquele momento, a integridade exigia toda a história de por que e como se tornara o presidente executivo da Bradshaw International.

Não sabia bem explicar o porquê, mas a opinião de Jodie Gallagher era muito importante para ele. Tanto que se viu se abrindo de tal maneira que poucas pessoas na Bradshaw International já haviam tido oportunidade de presenciar.

— Sou um presidente relutante — disse. — Administrar esta empresa não é algo que eu quisesse fazer.

Se a franqueza dele a surpreendeu, ela nada demonstrou.

— Como pode não querer tudo isso? — Jodie perguntou, apontando com a mão aberta para o luxuoso escritório. — Tantas pessoas trabalham a vida inteira sem nunca chegar a este ponto.

Mark passou a mão pelo cabelo, frustrado por ela não conseguir entender seu ponto de vista.

— Jamais pensei que você fosse o tipo de pessoa que se deixa fascinar pelas armadilhas do sucesso.

Ela se ressentiu do comentário.

— E não sou. Mas dou o devido valor às pessoas que trabalharam duro para chegar aonde chegaram. Inúmeras pessoas, aqui mesmo nesta companhia, trocariam de lugar com você em um piscar de olhos.

— Incluindo você?

Como ela não se dignou a responder, ele prosseguiu:

— Não sou todo mundo, nem inúmeras pessoas. Não me sinto confortável aqui. Isso — disse, segurando um vaso extremamente valioso sobre uma mesinha perto da moça — não tem nada a ver comigo.

Jodie fez menção de tomar o vaso das mãos dele mas, distraidamente, Mark o ajeitou sobre a mesa.

— Muito é exigido de quem tanto possui — ela disse.

Ele se virou para ela.

— Exatamente. E estou desperdiçando os outros talentos que possuo administrando esta empresa.

Jodie sacudiu a cabeça.

— Então vai virar tantas vidas de pernas para o ar só para não se ver mais entediado. Isso não é justo.

— Está analisando a situação de sua perspectiva. De onde estou, a vista não é tão bonita assim.

Ele ficou em silêncio por um bom tempo. O silêncio não fez Jodie se sentir desconfortável. Para falar a verdade, ela se viu fascinada pela conversa. Uma conversa que jamais, nem mesmo nos sonhos mais ousados, pensou que teria.

Ele lhe ofereceu uma bebida. Após Jodie aceitar um copo de suco de frutas, Mark dirigiu-se para a janela. Embora continuasse falando com ela, permaneceu admirando a vista.

— A verdade é que já faz algum tempo que estamos perdendo dinheiro. Não com a venda de produtos, que tem permanecido estável, mas ao perder novas oportunidades de crescimento. Isso pode ser revertido — afirmou, virando-se novamente para ela. Assentindo, ele concordou com a observação dela. — Admito estar entediado. Mas também tenho que administrar da melhor maneira possível o que me foi confiado.

— Você não quer ser como o servo na Bíblia que enterra seus talentos. Eu me sinto da mesma maneira.

Por um instante, Mark pareceu estar surpreso. Depois, lentamente, um sorriso tomou conta de seu rosto.

— Você fala como se fosse uma mulher de fé.

— Fala como se não acreditasse ser possível combinar fé e negócios.

— Os dois podem ser compatíveis — disse. — Sou testemunha disso.

Por fim, encontrando algo em que concordavam, eles passaram os 45 minutos seguintes conversando sobre como fazer da Bradshaw International uma empresa melhor.

Mark estava explicando o restante das futuras atribuições de Jodie, quando de cima de sua mesa escutaram uma melodia animada.

— Oops. — Ele se levantou. — Meu alarme.

— Você tem um alarme cujo toque parece um solo de saxofone?

Ele assentiu e desligou o aparelho.

— Foi feito sob encomenda.

Jodie o viu olhar para o relógio.

— Quer falar de mais alguma coisa?

— Agora não — ele respondeu. — Que tal encerrarmos por hoje?

— Mal passa de 15h30. Tenho algumas coisas que não deveria deixar de fazer no departamento de marketing.

Ele a acompanhou até a porta, apertou sua mão de modo formal e se despediu.

— Não se preocupe com Ethan. Se ele lhe causar algum problema, é só me avisar.

Jodie não acreditava que fosse ser necessário.

* * *

Enquanto considerava o que havia feito naquele dia, Mark se esforçava para achar uma explicação plausível para seu comportamento na reunião e sua franqueza com Jodie, em seguida. Por mais que tentasse, não conseguia encontrar uma. Jodie Gallagher tinha um futuro promissor na Bradshaw International. Naquela tarde, deixara bem claro que não tinha medo de dizer o que pensava.

E para implementar a estrutura organizacional que tinha em mente, precisaria estar em sintonia com a maneira de pensar e a criatividade dos melhores e mais promissores funcionários da empresa. Não era culpa dele se um deles possuía pernas fantásticas e um sorriso estonteante.

— Isso não o torna um libertino irresponsável — murmurou ao pegar sua pasta.

Chegara quase a se declarar em público para ela. A verdade era que estivera intrigado com a ética de trabalho, o entusiasmo dela... e, bem, é, o sorriso, desde o instante em que vira a foto de Jodie na casa da Sra. G.

Eunice Gallagher era a secretária paroquial da Community Christian Church, que Mark freqüentava desde seu retorno a Wayside. O falso infarto do Velho o trouxera para casa.

Procurando um herdeiro responsável entre os netos, C. B. Bradshaw mandou a secretária avisar à família que O Velho havia sofrido um grave infarto. Dois dos netos ligaram demonstrando preocupação, os outros nem mesmo retornaram a ligação. Mas quem foi que veio correndo na mesma hora? Mark, o trouxa. Os outros, seus primos, ou não davam a mínima, ou não estavam dispostos a interromper as próprias rotinas pelo homem que tornara possível suas vidas de ócio.

Dissera a Jodie que estava entediado, e era verdade. As equipes que montara pareciam aleatórias, mas passara um bocado de tempo estudando a listagem dos funcionários para melhor combiná-los. Estava empolgado com a reorganização e a possibilidade de elevar a empresa a um novo patamar.

Contudo, por ora, tinha uma tarefa de igual importância.

Do lado de fora do escritório ele olhou para ambos os lados do corredor, depois correu para o elevador de serviço — sua rota de fuga secreta.

Ele admitia que o trabalho tinha seus momentos. Entre eles, suas escapulidas do serviço um pouco mais cedo — ser o chefe precisava ter seus benefícios — e ver Jodie Gallagher.

— Patético, Bradshaw — disse para si mesmo.

Enquanto o elevador descia para a garagem, Mark tirou a gravata cara e a enfiou no bolso do paletó. A seguir, afrouxou o colarinho da camisa social branca. Quando chegou à caminhonete velha — estacionada ao lado de uma verdadeira frota de carros luxuosos pertencentes aos executivos da empresa —, a aparência de Mark havia se transformado.

Como já estava atrasado, não havia muito o que fazer em relação à calça social. Puxando a camisa para fora das calças, passou a mão pelo cabelo.

Jogando o paletó e a pasta de couro atrás do banco do motorista, ele trocou o sapato fechado por tênis surrados, que já haviam testemunhado dias melhores. Os tênis, assim como a caminhonete, traziam seu selo de aprovação pessoal. Além de ser prática e funcional, Mark adorava a caminhonete porque ela enlouquecia O Velho.

Poucos minutos depois, ele estacionou atrás do The Latte Lounge.

— Ei, Mark. Por que demorou tanto, cara? Estamos desperdiçando a luz do dia.

— Desculpe. Fiquei preso no trabalho.

Neville Jackson olhou para ele.

— Você não parece ser o rico e poderoso cabeça de um conglomerado.

Mark sorriu para o amigo de longa data, com seu cabelo trançado e sua vestimenta hippie.

— E você não parece ser Ph.D. em planejamento urbano e criminologia.

— *Touché*, meu amigo.

— Está todo mundo aqui?

— Só aguardando você.

Vinte minutos mais tarde, com Neville na bateria e Mark Bradshaw no saxofone, a banda do The Latte Lounge deu início ao ensaio.

Capítulo Cinco

Jodie compreendia o porquê de Mark Bradshaw trabalhar na empresa da família. O que não conseguia compreender era por que ele escolhia viver em um lugar pequeno como Wayside.

A cidade era pitoresca — talvez meio rural. Ela não se importava de viajar 40 minutos todos os dias só para chegar a Wayside, apenas não conseguia se imaginar morando em um lugar tão pequeno. Com exceção da tia Eunice e de alguns outros, todos os membros do seu ramo da árvore genealógica da família há muito haviam ido buscar outros ares em Portland, em Bend e até em Seattle.

Eunice Gallagher, uma das tias favoritas de Jodie, trabalhava como secretária do pastor na Community Christian Church. Ela fixara raízes na pequena cidade idílica, e ignorara oportunidades de se mudar para lugares maiores.

Por algum motivo, a viagem de volta para casa no final do dia sempre parecia demorar mais do que o trajeto até o trabalho pela manhã. Desta vez, ao dirigir pelas ruas conhecidas, reduziu um pouco, admirando a paisagem.

Em vez de se concentrar no que não estava vendo, focalizou sua atenção no que podia ver. Uma sorveteria, várias galerias, um pequeno café muito interessante. Um mirante branco e vazio em um parque público. O tipo de lugar onde seria ótimo fazer um piquenique no verão. Talvez enquanto uma banda tocasse naquele mirante.

— É, pois sim — disse Jodie, ao sair da rua principal, na direção da casa de tia Eunice. — Como se você tivesse tempo para piqueniques.

Ela piscou e, depois, franziu a testa. Por que não tinha tempo para piqueniques? Outras pessoas tinham. A vida exigia equilíbrio.

Quando estacionou diante da casa da tia, Jodie chegou à conclusão de que a vida estava deixando-a para trás. Havia se concentrado na carreira desde que se formara na faculdade. Quando começaria a se divertir? Quando acharia tempo para procurar o amor?

O equilíbrio era o segredo.

Embora responsável por uma empresa de milhões de dólares, Mark Bradshaw aprendera a encontrar o equilíbrio na vida. O alarme de saxofone — não uma campainha insistente como o dela — o lembrou de parar e ir fazer alguma coisa. Ela podia apostar que ele estava se divertindo.

— Titia?

— Na cozinha — gritou Eunice. — Venha cá.

A enorme cozinha rústica de Eunice era um lugar onde muitas refeições haviam sido devoradas ao longo dos anos. E naquele momento era possível se ver tabuleiros de biscoito por tudo quanto é lado.

— Epa! — disse Eunice ao tentar equilibrar dois tabuleiros enquanto fechava a porta do forno.

— Deixe comigo.

Jodie cuidou do forno, enquanto Eunice apoiava os dois tabuleiros ao longo da borda da pia.

— Isso está parecendo uma confeitaria.

Rindo, Eunice retirou as luvas térmicas.

— Está mesmo. Pensei em assar alguns para a sessão de estudos bíblicos das crianças, hoje à noite. Depois, lembrei que os adultos também gostam de biscoitos.

Era exatamente a brecha que Jodie estava procurando.

— Na Community Christian?

— É — disse Eunice ao inspecionar uma bandeja que já esfriara.

— Você conhece Mark Bradshaw?

Eunice sorriu.

— Se o conheço? Eu praticamente o criei. Ele se tornou um homem e tanto. Seu trabalho o mantém ocupado, mas não tão ocupado que não possa participar das atividades da Igreja.

Já se sentindo culpada, o comentário lhe soou como uma indireta, embora Jodie soubesse que esta não fora a intenção da tia.

— Será que, após todo esse tempo, seus caminhos ainda não se cruzaram no trabalho?

— Para falar a verdade, se cruzaram sim — disse Jodie. — Hoje mesmo ele me ofereceu a oportunidade dos meus sonhos.

Eunice juntou as mãos.

— Mas, Jodie, que notícia maravilhosa!

— Acha mesmo?

— Jodie, qual é o problema?

Ela deu de ombros.

— Não sei. Só queria algo mais de minha vida. Uma promoção é ótimo, mas... — Ela novamente deu de ombros. — Sinto como se estivesse faltando alguma coisa. Como se tivesse chegado a uma encruzilhada, com a chance de fazer algo magnífico.

— Como dar início àquela empreitada da qual tanto fala?

Capítulo Seis

Depois do ensaio, Mark se sentou com Neville no café. Ambos tinham enormes copos de água gelada diante deles.

— Você está me parecendo meio deprimido, Bradshaw. Como se preferisse tocar um *blues* melancólico. O que está havendo?

Mark passou os dedos pela borda do copo, observando a condensação se formando ao longo do vidro.

— Conheci a mulher dos meus sonhos.

— E isso é um problema por que?

— Ela trabalha para mim.

— Humm. Mas que droga — disse Neville. — Despeça-a.

Mark sacudiu a cabeça.

— Ela é boa. Muito boa.

Neville analisou o amigo por um instante.

— Vejo que mais uma vez conseguiu se fazer de mártir. Realmente, você deve adorar esse papel.

A observação incomodou muito por ser verdade. Isso não significava que Mark estivesse pronto para admitir aquilo.

— Não estou bancando o mártir.

— Sei... — foi tudo que Neville disse, ao observar o cardápio. Quando uma garçonete veio completar os copos de água e deixar uma cesta de pãezinhos, ele pediu um sanduíche vegetariano e, depois, virou-se para Mark. — Vai querer alguma coisa?

Mark sacudiu a cabeça.

— Traga-lhe o de sempre — disse Neville para a garçonete.

— Seu ensaio foi sensacional, mas você não está com uma aparência muito boa, Mark. Está tudo bem, querido? — perguntou a garçonete.

Distraído, Mark assentiu.

Quando estavam sozinhos de novo, Mark olhou para o amigo.

— Queria poder fazer isso o tempo todo. O que eu mais amo na vida é a música.

— E pode — disse Neville, comendo um bolinho coberto de chocolate. — Se realmente é isso que quer. Acho que você gosta de ser o herdeiro sofredor. O único capaz de salvar a firma.

Mark lhe lançou um olhar curioso.

— O que quer dizer?

— Acha mesmo que o Velho Bradshaw entregaria sua adorada empresa para o primeiro que aparecesse? Escute o que eu digo: caso você não tivesse feito o que ele esperava que fizesse, com certeza O Velho tinha um plano de contingência.

Mark digeriu o que acabara de escutar. Neville tinha razão — de novo! Poderia ter ignorado o chamado do avô, como os outros fizeram. Mas reconheceu a oportunidade de fazer algo que realmente queria fazer — deixar sua marca no mundo dos negócios. Tudo que vinha fazendo desde que assumira o comando da Bradshaw era marcar tempo. Agora, com a reorganização a pleno vapor, estava ansioso para fazer algum trabalho genuinamente inovador.

Contudo, sua preocupação com determinada funcionária estava dificultando as coisas.

* * *

Jodie chegou ao trabalho no dia seguinte preocupada que a situação com Mark pudesse estar meio constrangedora, tendo em vista o que haviam discutido no dia anterior. Mas Mark se portou como um profissional. Depois de uma rápida explanação do que queria, a despachou para as reuniões individuais dos departamentos.

Já passava das quatro quando ele apareceu na porta do novo escritório de Jodie, ao lado do dele.

— Tem um minuto?

Ela pegou o bloco de anotações e a caneta-tinteiro.

— Não vai precisar disso — ele disse.

Jodie o seguiu até o escritório — o moderno, todo cromado — e se sentou no lugar indicado por ele.

— Queria conversar sobre ontem — Mark disse. Ele passou a mão pelo cabelou, e Jodie ficou surpresa ao perceber que o Sr. calmo e controlado parecia nervoso. — Não fui totalmente sincero com você.

— A respeito...?

— A respeito do meu interesse por você.

Jodie apertou os braços da poltrona de couro. Será que ele ia voltar atrás na promoção?

— Eu a nomeei minha assistente especial porque é muito boa no que faz — Mark prosseguiu. — Mas existe um outro motivo, do qual não me orgulho muito.

Ela ficou aguardando.

— Sinto-me atraído por você, Jodie. Desde a primeira vez em que a vi.

Ela abriu a boca para dizer que sentia o mesmo, mas ele ergueu a mão, contendo suas palavras.

— Percebo que provavelmente estou me expondo a algumas... complicações legais. Só não queria criar uma situação constrangedora para nós dois.

Ela estivera preocupada com a mesma coisa — e por motivos similares.

— Sei que acabo de lhe oferecer o emprego mas, se preferir trabalhar em outro lugar, eu entenderei. Na verdade, estive pensando que sou eu quem deveria ir embora.

— Não será necessário — ela disse, levantando-se e aproximando-se cautelosamente dele. — O que diria se eu lhe contasse que seus sentimentos são correspondidos?

Capítulo Sete

Mark segurou Jodie pelos ombros e a fitou nos olhos.

— O que está dizendo?

— Exatamente o que acha que estou dizendo.

Mark fechou os olhos por um instante, inalando o perfume do cabelo da moça.

— O que você sempre quis? Mais do que qualquer outra coisa na vida?

Jodie engoliu em seco e desviou o olhar. Não podia lhe revelar isso. Até mesmo a amiga mais chegada — a única pessoa que sabia — a achou esquisita.

Talvez tivesse assistido na televisão muitas comédias clássicas dos anos 50 e 60. Talvez fosse apenas antiquada. Antes de se transformar na própria mulher de carreira, tudo que sempre desejara foi ser esposa e mãe, providenciar um lar confortável para a família e ver os filhos crescerem. Ao provocá-la, a amiga e colega de Jodie, Nikki, a chamava de June Cleaver.

Como nada do que ela queria parecia estar tão claro no horizonte, durante todos aqueles anos, ela se concentrou no trabalho.

— Eu já quis coisas que não poderia ter — confessou para Mark.

— Não poderia ter ou estava com medo de correr atrás? — ele desafiou.

Isso a fez pensar.

Será que estava com medo da mesma coisa que desejava, a coisa pela qual rezou e pediu inúmeras vezes?

“Reze até que algo aconteça” dizia o ditado que escutara durante um culto na igreja, algum tempo atrás.

Será que ele — Mark Bradshaw — era resultado dessa prece?

A possibilidade de Mark Bradshaw ser o homem certo para ela era surpreendente. Assim como as implicações disso. Talvez não tivesse escutado direito.

— Será que poderia repetir a pergunta?

— Não era necessariamente uma pergunta, Jodie. Mais um ponto retórico. Às vezes, as pessoas têm medo de correr atrás do que realmente querem. O Medo as deixa paralisadas, antes mesmo de cruzarem a linha de partida.

Jodie não era uma pessoa impulsiva. Era uma mulher de fazer listas e planos e planos de contingência para os planos de apoio. Mas o que disse a seguir pegou até mesmo ela de surpresa.

— Beije-me, Mark.

Foi a vez dele piscar. Ela o viu engolir em seco e, depois, fitá-la. Ele recuou um passo. Ela avançou dois.

— Beije-me, Mark.

— Veja bem, Jodie. Isso não é algo que...

Ela se apoiou no braço dele, inclinou-se para a frente e apertou os lábios de encontro ao dele. Instantes depois, os braços de Mark envolveram sua cintura e ele a apertou de encontro ao corpo.

Antes que ele — ou ela — se visse levado pelo momento, Jodie se afastou. Seu coração estava em disparada, e ela o fitou. Ele parecia estar tão atordoado quanto ela.

— Por que fez isso? — Mark indagou.

— Para ver se eu tinha medo de correr atrás do que realmente queria.

* * *

Durante todo o percurso até sua casa, Jodie se repreendeu pelo comportamento impensado. Ela, praticamente, se atirara para cima do homem. Havia regras de conduta no local de trabalho que deviam ser respeitadas.

Mas, no fundo, estava feliz de ter feito o que fez. Naqueles instantes em que se beijaram, ela percebeu que seus sonhos poderiam se tornar realidade. Ela precisaria estar disposta a se arriscar e fazer algo com o que lhe fora oferecido. E o que fora oferecido não era um novo emprego na Bradshaw International, mas a chance — agora — de conseguir o que mais desejava. As portas haviam sido abertas. Precisava apenas atravessá-las e reivindicar sua dádiva.

Naquela noite, reviu o plano de negócios que elaborara. Um plano que estivera com medo de implementar.

— Posso fazer isso — disse.

Depois de se formar na faculdade, ela aceitou um estágio de seis meses numa pequena firma em Portland. Ela transformou a experiência numa posição efetiva. Depois de um período naquela empresa, trabalhou mais dois anos em uma outra, antes de começar na Bradshaw International, onde aperfeiçoou seus talentos.

Agora, tudo que tinha a fazer era confiar nos próprios instintos e capacidade e aplicar tais talentos no que realmente queria fazer: começar a própria empresa. A reorganização na Bradshaw International era exatamente o estímulo que precisava para dar início ao próprio negócio.

Então, por que achava estar fazendo a coisa errada?

* * *

— Eu me demito — disse, na manhã seguinte.

O sorriso afetuoso nos lábios de Mark desapareceu.

— O que quer dizer, você se demite?

Jodie colocou a bolsa e a caneca de café sobre a mesa.

— Estou pedindo as contas. Adeus. — Retirou um envelope da pasta e o entregou a ele. — A carta de demissão. Não sabia se deveria entregá-la a você ou a Ethan. Como você é o patrão oficial... — Ela deu de ombros.

Mark sentiu-se tomado pelo pânico. Ela não podia ir embora agora. Não quando, enfim, admitira que era ela quem estivera procurando. Não antes que tivesse a chance de dizer como realmente se sentia a seu respeito.

Percebeu que era o fim.

— O que aconteceu entre nós, ontem à noite, apavorou você.

Ela ergueu os olhos e sacudiu a cabeça.

— Posso ser ingênua para certas coisas, Mark. Mas já fui beijada antes.

— Então, por que está se demitindo?

— Está na hora — ela respondeu. — Às vezes, é preciso encarar o desconhecido e seguir o coração.

— E para onde seu coração a está conduzindo?

Ela sorriu, um sorriso estonteante que quase deixou Mark de joelhos. Ele segurou o encosto da poltrona, torcendo para que o gesto parecesse casual, não como se ele dependesse da cadeira para ficar de pé.

— Isso nada tem a ver com você — ela disse. — E também nada tem a ver com o que aconteceu ontem. Estou me demitindo porque quero. Tem algo que há muito estou querendo fazer.

— O quê?

— Inaugurar uma empresa de marketing.

Ele ergueu a sobrancelha.

— Você vai competir com a Bradshaw?

Jodie riu diante do seu tom quase imperioso.

— Não creio que uma operação de uma só pessoa focalizando em pequenas empresas vá representar alguma ameaça para uma companhia de 60 anos.

Contemplando-a, ele acariciou o próprio queixo.

Um súbito brilho no olhar dele a intrigou.

— O que foi? — perguntou.

— Como você se demitiu, e eu aceitei sua demissão — completou, colocando o envelope no bolso interno do paletó —, não temos mais que nos preocupar com aquela situação constrangedora de patrão-funcionária. Estou livre para convidá-la para sair.

Capítulo Oito

Era engraçado como alguns poucos dias podiam fazer tanta diferença. No início da semana, a grande preocupação de Jodie havia sido a de não ter um acompanhante para levá-la ao baile de premiação dos funcionários. Poucos dias depois, havia sido promovida na empresa e em seguida se demitira para abrir o próprio negócio.

Contudo, por enquanto, nem pensava em planejamento de negócios e taxas de lucros.

Maravilhoso no smoking branco, Mark retornou trazendo bebidas. Jodie ainda ficava sem fôlego só de pensar que os dois eram mesmo um casal.

— Sabe, eu estava ali conversando com um sujeito do departamento financeiro. Ele disse que estava nervoso de vir hoje, pois não tinha esposa nem acompanhante que parecesse uma esposa. Coisa esquisita, não?

Aceitando o pequeno copo, Jodie sacudiu a cabeça.

— No início da semana eu estava preocupada com a mesma coisa.

Mark demonstrou surpresa.

— Por quê?

— Por causa da política da empresa.

— Que política da empresa?

— Que a única maneira de se subir na empresa é tendo uma família.

A expressão do rosto de Mark mostrou espanto ainda maior.

— Do que está falando?

— Mark, C. B. Bradshaw deixou bem claro que a única forma de se subir na sua empresa era tendo mulher e filhos. Este é um dos motivos pelo qual um bocado de gente não se candidatou a algumas das posições mais graduadas quando teve oportunidade. Pelo menos, foi isso que notei durante meu tempo na Bradshaw.

Ele esfregou as têmporas e, depois, apertou a ponte do nariz.

— Não dá para acreditar nisso. Será que poderia me dar licença por um instante?

Jodie o viu desaparecer na multidão. Segundos depois, ele estava de pé no palco, com um microfone sem fio na mão.

— Senhoras e senhores. — Após um ou dois minutos, o salão ficou em silêncio, e todos os olhos se voltaram para Mark. — Acabo de saber que alguns funcionários acreditavam erroneamente que não era possível ser promovido à equipe administrativa sem se enquadrar em algum tipo de regra referente ao estado civil. — Mark viu várias cabeças assentindo, e percebeu que a noção era compartilhada por muitos. — C. B.? Você está aqui?

— Pare de gritar. Estou velho mas não surdo — disse C. B. Bradshaw ao ser auxiliado a subir os poucos degraus. Ele dirigiu-se até onde Mark estava e tomou o microfone das mãos do neto.

— Quando comecei esta empresa, muitos anos atrás, era difícil convencer as pessoas a vir morar aqui no interior. Wayside ainda não tinha as facilidades que tem hoje em dia. Todo mundo queria morar em Portland, na cidade. Para incentivar as pessoas a ficarem, os promovidos eram pessoas de família. Pessoas que haviam fincado raízes na cidade. Vocês devem todos ter deixado de ler o memorando no qual demos um fim a essa tolice, 25 anos atrás.

As risadas espalharam-se pelo público.

Mark se inclinou e falou no microfone.

— De modo que, agora, todo mundo pode relaxar, apreciar a festa e parar de achar que é preciso chegar ao altar para ser promovido.

C. B. pegou de volta o microfone e apontou com o polegar para o neto.

— É, olhem só para ele. Está à frente da empresa e ainda é solteiro. Ainda não teve a decência de me presentear com um bisneto.

O olhar de Mark encontrou o de Jodie.

— Espero não ser solteiro por muito tempo.

* * *

Depois de muito tempo circulando entre os convidados, Mark e Jodie conseguiram escapulir.

— Tenho um compromisso — ele disse. — Será que quer vir comigo?

Admirando a dedicação do homem, Jodie respondeu:

— Quero. Estava falando sério quando disse aquilo no palco? Sobre nós? — completou, para o caso dele não ter certeza sobre o que ela estava falando.

Ele segurou a mão dela, enquanto dirigia.

— Sempre falo sério.

Ele beijou-lhe a mão, e Jodie sorriu.

Poucos minutos depois, ela teve suas dúvidas, quando ele estacionou nos fundos do The Latte Lounge.

— Você tem compromisso em um bar?

Ele assentiu.

— Lembra que eu lhe disse possuir outros talentos?

— Lembro — ela respondeu, proferindo a única palavra com uma pitada de hesitação.

— Bem, um deles é a música. Faço parte de um grupo. Bem, na verdade, de uma pequena banda de jazz. Tocamos aqui duas vezes por semana. Venha — disse, tomando-lhe a mão. — O show começa em dez minutos.

Enquanto Jodie escutava Mark e seus amigos tocando, lembrou-se do que tia Eunice lhe dissera sobre seguir seu coração. Durante o intervalo da banda, pegou o celular e ligou para a tia.

— Sabe a promoção fantástica da qual lhe falei?

— Claro. Ainda hoje de manhã estava me vangloriando dela para o reverendo Baines na igreja. Onde você está? Parece estar em uma festa.

— Estou no The Latte Lounge, perto da rua principal. Não aceitei o emprego, tia Eunice. Para falar a verdade, eu me demiti. Vou começar meu próprio negócio.

Em vez de demonstrar preocupação, Eunice riu.

— Puxa, mas esta noticia é ainda melhor.

Jodie sacudiu a cabeça.

— Escutou o que eu disse, tia Eunice? Larguei meu emprego. Minha rede de segurança bem remunerada.

— Venho rezando para que tivesse fé e coragem para seguir seu coração. Parece que isso finalmente aconteceu.

Tia Eunice tinha razão, pensou Jodie. Ela estava seguindo o coração em todas as facetas da vida.

Quando Mark e os amigos retornaram do intervalo, Jodie escutou os refrões melodiosos sabendo que, não importando o que viesse a seguir, a vida sempre seria uma doce aventura.

Fim